

# A voz do povo

Rádio comunitária leva informação e entretenimento ao Bairro da Paz, um dos mais carentes de Salvador

Evandro Voiga

**Fernanda Carvalho**

Uma voz que, apesar de toda dificuldade, não quer calar. Ecoando em 58 alto-falantes espalhados em pontos estratégicos do Bairro da Paz, a programação da rádio comunitária se faz ouvir em 90% dos 792 mil metros quadrados de área da localidade. Enquanto arruma a banca de frutas, montada numa das praças do bairro, o vendedor José Joaquim de Souza tem a oportunidade de ter acesso a um mundo de informações. Dos desconhecidos acontecimentos, fatos e notícias de Salvador, Brasil e do mundo, aos bem próximos problemas vivenciados por quem mora no bairro, nada fica de fora da abordagem da rádio.

"A comunicação é importante em qualquer lugar do mundo e ainda mais aqui, onde é difícil encontrar até jornal. A rádio comunitária só faz o bem para quem mora no Bairro da Paz", avalia José Joaquim. As primeiras vezes surgiram do alto de postes há 12 anos com a missão de mobilizar a comunidade da então invasão. "Quando a polícia estava chegando para derrubar barracos, ao invés do boca a boca, fazíamos o alerta na rádio. Assim, ganhávamos mais tempo para nos organizar", lembra o locutor Ubiratan Silva, um dos idealizadores da rádio.

Hoje, a rádio segue na missão social com um pouco mais de estrutura, mas com outras

dificuldades. No terceiro estúdio montado, os equipamentos são bem mais modernos. Graças ao incentivo do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) e da Fundação Dom Avelar, computador, mesa de som, dois microfones, duas potências e muitos metros de fios democratizam o acesso à informação de cerca de 50 mil ouvintes. "A gente chama o que fazemos de rádio até por ousadia, mas, ao invés de comunicação por onda, funcionamos por fio mesmo", resalta Ubiratan, conhecido como Bira.

A simplicidade do sistema de comunicação impede, muitas vezes, que a mensagem chegue aos receptores. "Às vezes, é difícil entender, o som fica rouco, mas a rádio é boa. Devia ficar no ar o dia inteiro", reclama a estudante Viviane Souza, 19 anos. Quando uma linha temporária usada por pipas provoca interrupção da comunicação, o locutor assume o trabalho braçal. "Boto a escada na mão e faço a manutenção. O serviço era caro e, de tanto ver o cara fazer, acabei aprendendo", relata.

As dificuldades financeiras não permitem que a programação se estenda por todo o dia. O programa da manhã começa às 7h15 e segue até às 9h30. À tarde, o silêncio das ruas é quebrado por duas horas, das 14h às 16h30. Aos sá-



A programação da Avançar é comandada pelos moradores da localidade

bados, informação, música, oração, curiosidades e até horóscopo só são ouvidos pela manhã. Aos domingos, o silêncio impera. Para manter a rádio no ar é necessário gastar a voz para convencer comerciantes locais a bancar anúncios, vendidos em médias por R\$50 ao mês.

**Voluntariado** - Os escassos recursos obtidos mensalmente, cerca de R\$300, é suficiente para pagar as contas indispensáveis de água, luz e telefone. O salário dos dez lo-

cutores que trabalham voluntariamente é a satisfação de estar ajudando a comunidade. "Esta semana, uma criança chegou aqui desesperada porque foi esquecida na escola. Ainda estava no ar, dando as informações, quando os familiares bateram na porta vindo buscá-la", conta orgulhoso Ubiratan, acrescentando que a última assembleia de moradores teve a histórica participação de 300 pessoas devido ao apelo da rádio.

"A rádio é um instrumento

importante para transformarmos a realidade que vivemos. Apesar de ser uma comunicação imposta - mesmo que os nossos ouvintes queiram não há como mudar de estação ou desligar -, os moradores gostam e valorizam nosso trabalho. Eles depositam muita confiança na gente e, por isso, temos a consciência da importância de usar este veículo com lisura", acrescenta o morador que, há seis anos no comando de um microfone, assumiu o nome artístico de Rafa Lima.

O exemplo de comunicador social já está sendo seguido por outros jovens, antes admiradores do trabalho. Uma parceria entre o conselho de moradores, Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC) e a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) capacitou 24 jovens moradores para assumir o microfone da rádio. Dez deles já estão soitando o verbo. "No primeiro dia no ar, fiquei muito nervosa, gaguejei bastante porque tinha consciência da responsabilidade que é estar neste lugar. Não posso falar merda", declara Deydiane Alcântara, 17 anos.

Ao lado de Wilson Prazeres e de outros vizinhos, ela vem aprendendo a apostar na informação como conquista da cidadania. "Fazemos o trabalho de coração. É bom porque ajudamos a comunidade e aprendemos muito em troca". Uma jovem universitária holandesa, aluna do curso de antropologia cultural e ciências da comunicação, da Universidade de Amsterdã, admira a dedicação dos comunicadores voluntários. "As pessoas têm muito preconceito com moradores de favelas, mas até agora o que tenho visto são jovens muito inteligentes e motivados numa ação muito positiva. Eles fazem o máximo com o mínimo", elogia Kirster Voort.